

2.1 Sentindo o sentimento

*És tu, ó Deus, que me chamas,
És tu, Senhor, que me inflamas
Naquelas ardentes chamas
Que me dão tão pura luz!
És tu, ó Pai! Que da altura,
Olhando a minha amargura,
Me estendes a mão segura,
A mão que a ti nos conduz!*
ANTERO DE QUENTAL

O sentimento que punha em ação todos os sentidos de Antero provinha da importância dada por sua família aos valores do espírito e, em especial, à religião católica. Juntava-se a isso o ambiente de religiosidade que dominava toda São Miguel:

[...] o sentimento religioso, fortissimamente inculcado sempre em toda a população, traduzindo-se nas festividades das igrejas e na prática severa dos preceitos do Catolicismo. Em 1825, só em Ponta-Delgada havia seis conventos e três recolhimentos [...]; em 1832, [...] contavam-se na cidade doze mosteiros e conventos. As manifestações da fé religiosa impressionavam profundamente todos os visitantes da ilha. (CARREIRO, 1948, p.76)

A educação recebida por Antero era, pois, tradicional, arraigada nos bons costumes, numa época em que os pais exerciam poder total sobre todos os atos da família. Em relevo especial, a importância da influência materna: vem dela a transmissão da fé católica mais tradicional, onde o Batismo e a Primeira Comunhão eram comemorados em família e devidamente respeitados.

Tornando ainda mais forte essa primeira enformação espiritual, Antero, em 1852, trava contato com a ode “Deus”, de Alexandre Herculano:

Teria os meus dez anos quando pela primeira vez a ouvi recitar a um bom padre, que me ensinava rudimentos de gramática latina. Não ousou dizer que tivesse entendido. E, entretanto, profunda foi a impressão que recebi, como a revelação de um mundo novo e superior, a revelação do ideal religioso. Escapava-me o sentido de muitos conceitos, a significação de muitas palavras: mas pelo tom geral de sublimidade, pela tensão constante e um sentimento grande e simples, aqueles versos revolviam-me, traziam-me as lágrimas aos olhos, como se me introduzissem, embalado numa onda de poderosa harmonia, na região das coisas transcendentais. Daí por diante, interrompia muitas vezes a repetição dos casos gramaticais para pedir ao meu paciente mentor uma nova recitação daqueles versos. A minha nascente intuição do ideal religioso achava uma expressão reveladora na poesia grave e penetrante daquele hino sacro. (CARREIRO, p.90)

Vitorino Nemésio, num ensaio publicado sobre Antero e Herculano (in *Seara Nova*, números 406/408, de 02/09/1934) consegue reproduzir o turbilhão de emoções sentidas pelo menino após essa leitura:

Nenhuma poesia mais própria para harmonizar de súbito as massas incoerentes de sons, fugas, aspirações, rolando na sua alma de ilhéu. Herculano cantava a revelação de Deus por um jogo de forças esplêndidas e cegas, magnificadas no silêncio, ferindo com insistência as notas predominantes no clima interior de Antero, tão fortemente consoante com o do seu cenário atlântico. (CARREIRO, p. 90)

Esse fato provoca uma subversão na aparente mansidão propiciada pela figura da mãe: seu espírito juvenil torna-se inevitavelmente desassossegado ante a sensação de esplendor motivada pelo poema:

Nas horas do silêncio, à meia-noite,
 Eu louvarei o Eterno!
 Ouçam-me a Terra e os mares rugidores,
 E os abismos do Inferno.
 Pela amplidão dos Céus meus cantos soem,
 E a Lua resplendente
 Pare em seu giro, ao ressoar nest' harpa
 O hino do Onnipotente.

[...]

Eis o Tempo, o Universo, o Movimento
 Das mãos solta o Senhor:
 Surge o Sol, banha a Terra, e desabrocha
 Nesta a primeira flor:
 Sobre o invisível eixo range o globo:
 O vento o bosque ondeia:
 Retumba ao longe o mar: da vida a força
 A natureza anseia!

Quem, dignamente, ó Deus, há de louvar-Te,
 Ou cantar Teu poder?
 Quem dirá de Teu braço as maravilhas,
 Fonte de todo o ser,
 No dia da Criação; quando os tesouros
 Da neve amontoaste;
 Quando da Terra nos mais fundos vales
 As águas encerraste?!

[...]

Teu nome ousei cantar! Perdoa, ó Nume;
 Perdoa ao teu cantor!
 Dignos de ti não são meus frouxos hinos,
 Mas são hinos de amor.
 Embora vis hipócritas te pintem
 Qual bárbaro tirano:
 Mentem, por dominar com férreo ceptro
 O vulgo cego e insano.
 Quem os crê é um ímpio! Recear-te
 É maldizer-te, ó Deus;
 É o trono dos déspotas da Terra
 Ir colocar nos Céus.
 Eu, por mim, passarei entre os abrolhos
 Dos males da existência
 Tranqüilo, e sem temor, à sombra posto
 Da Tua providência (HERCULANO, p.81)

Durante longo tempo, em consequência ao choque experimentado, Antero mostra-se disposto a seguir a vida monástica, seguindo o exemplo do tio-avô, Padre Bartolomeu do Quental, fundador da ordem da Congregação do Oratório, “orador sacro e escritor místico”. Já no fim de sua vida, em conversas com Carolina Michaelis, Antero narrou-lhe “a sua fase teológica e o seu fracasso, nunca completamente vencido, pela vida monástica”. (CARREIRO, pp.90/91) Esse projeto acompanhou-o até à adolescência, tornando-se latente quando, já em Coimbra, toma contato com as “novas correntes do espírito moderno”.

Datam dessa época os poemas considerados por Óscar Lopes (LOPES, p.84) como da segunda fase das quatro que compõem a *Juvenília*, localizados entre os anos de 1860 e 1861:

Na segunda fase, correspondente ao terceiro ano lectivo (1860-1861), predomina o sentimento religioso, sob influxo dominante das *Méditations* de Lamartine, com incidências [...] do Camões neoplatonizante [...] e, ocasionalmente, de Herculano. (LOPES, p.84)

Os poemas desse momento foram agrupados na edição de *Raios de Extinta Luz*, prefaciada por António Salgado Júnior e, “tanto quanto possível”, arrumadas em ordem cronológica por José Bruno Carreiro.

Nesse instante de sua obra, nota-se um Antero religioso, seguidor dos moldes de Alexandre Herculano a quem homenageia no poema “As Campas”, de 1861. Anteposta ao poema, uma dedicatória ao *mestre* nos diz do sentimento especial que Antero lhe devota:

Ao Senhor Alexandre Herculano
 Ao Filósofo – Homem de bem
 Respeito.
 Ao Sábio – Ao Poeta
 Adesão e amizade.

Quando a mão que obedece ao impulso
 De um afecto, procura outra mão
 E em silêncio eloqüente se apertam:
 É que em troca outro afecto responde...
 É que as almas lá têm seu quinhão! (CARREIRO, p.136)

Alexandre Herculano vai ser, dos dez anos de Antero em diante, uma influência perene, percebida nas características românticas que passam a figurar nos poemas deste. Delas vamos encontrar indícios em poemas como “Aspiração” e “A Senda do Calvário” onde, junto à louvação à natureza idealizada e cristã, junto ao subjetivismo e à extrema religiosidade, encontramos a crença num Deus que é só bondade: “Recear-te é maldizer-Te, ó Deus!” (Ode “Deus”).

O amor divino se manifestará em vários versos, entre os quais: “Se a cruz que arrasta agora é cruz de morte, / Também é cruz de amor!” de “A Senda do Calvário”, ou nos de “Aspiração”: “[...] quem tem essa luz querida, / Não tem outra prometida, / Não pode amar outra vida.../ Senhor! eu busco-te...eu vou!”

À crença extremamente romântica e subjetiva de Herculano, junta-se a fé indubitável do Antero desse momento, ratificada pela esperança na bondade divina. O sujeito lírico (eu) já nos reafirma essa visão na ode “Deus”: “Eu louvarei o eterno”; “Teu nome ousei cantar”; “Eu, por mim, passarei entre os abrolhos / Dos males da existência / Tranqüilo [...]”; enquanto que, em “Aspiração”, veremos esse mesmo *eu*, despido de qualquer tipo de dúvida, nas afirmações de Antero: “E eu, desta alma no deserto, / Só diviso a paz na Cruz!”; “Sim, minha alma te pressente!”; “És tu, ó Deus, que me chamas!”.

Em seus primeiros poemas, há numerosas referências a amores juvenis que, ao serem publicados, mereceram de Antero a justificativa: “porque não me envergonho de ter sido moço” (QUENTAL, 1976, p.65), como explicação ao que considerava ser a pouca qualidade artística desses versos:

Somos homens hoje. Mas qual de nós, virando-se para os mudos fantasmas do seu passado, que ainda às vezes, entre risonhos e melancólicos, lhe surgem num e noutra ângulo da vida

real, terá a triste coragem de os não saudar com um sorriso amigo e agradecido? Qual de nós dirá ao coração – quero esquecer que pulsaste com vida, com amor, com delírio, tal dia, tal hora, tal instante –? (QUENTAL, 1976, p.65)

Essa questão é colocada por Antero na Advertência que antepõe ao *Tesouro Poético da Infância* (1883), quando afirma que na criança “tudo ainda é instinto e fantasia”, e a razão reveste-se com “as formas da intuição e da imaginação”:

É esse justamente o carácter e privilégio da poesia: tornar, pela idealização sentimental, dúctil e plástico o que, nas formas da pura razão, é naturalmente abstracto e acessível só à meditação. A poesia é o ideal percebido instintivamente”. (GUIMARÃES, 1994, p.72)

A evolução da relação do poeta com Deus vem à tona entre os anos de 1860 e 1862, embora, como veremos a seguir, já se encontrasse latente em suas primeiras obras. Ao sentimentalismo ingênuo dessa fase sobrepõe-se o despontar da crise de consciência originada ao contato com a Filosofia, a Ciência, o Socialismo, que o porão em dúvida sobre a sua religião e a sua fé.

Antero nunca deixará de crer, mas precisará, acima de tudo, *pensar* essa fé, racionalizá-la, sem que isso signifique a sua perda total.

Na segunda parte desse primeiro capítulo tentaremos mostrar como se iniciou o percurso da dúvida na busca do pensamento de Deus.